



RODRIGO BARROS GEWEHR

Professor da Ufal

A cidade é a escola

Há tempos insiste-se que no Brasil um dos problemas fundamentais, uma das razões pelas quais nosso país não consegue superar índices vergonhosos de todos os tipos, é a carência na Educação. Tendo isso em vista, sucessivos governos vêm empenhando-se para suprir essa deficiência, e mais ou menos acertadamente estão construindo políticas públicas com essa finalidade. Isso é fundamental! Isso é urgente! E no entanto, isso ainda é pouco...

Há coisas que mesmo uma escola de qualidade não pode fazer. As minúcias da civilidade são aprendizado do dia a dia, nas ruas, no encontro com pessoas desconhecidas, no semáforo, na faixa de pedestres. Esse aprendizado vem de uma outra escola: depende de que a cidade seja nossa escola.

Claro que se pode – e mesmo, deve-se! – ensinar as regras de civilidade nas classes das escolas, mas isso acaba sendo um aprendizado vazio de sentido se a cidade não corresponde ao que é ensinado em classe, se os lares não refletem também no seu cotidiano o que as teorias da vida em comum dizem ser o melhor e o mais correto, se essas regras de civilidade não se exercem desde a vida íntima de cada família.

Se a cidade ensina, dia após dia, a sermos agressivos; se a

cidade é suja; se a cidade é violenta; que outra reação as pessoas podem ter que não seja a de serem também agressivas, desleixadas, violentas? Se a cidade erige muros e vidros blindados, como poderemos aprender a vivê-la? Como poderemos nos engajar pelo zelo de nossos espaços públicos e de nosso patrimônio cultural? Como podemos aplicar tudo aquilo que a educação formal tenta transmitir às crianças?

A contradição entre o que se ensina nas escolas e a vida cotidiana da cidade é algo que nossas crianças observam e aprendem, nas filigranas dos gestos, no papel atirado pela janela do carro, no cruzar o sinal vermelho, no desrespeito à faixa de pedestres, à limpeza das praças e das praias e das calçadas.

E essa contradição só faz transmitir o velho uso abusivo das cidades, de modo que continuamos a acreditar que o Brasil precisa de uma Educação melhor, mas não nos damos conta de que ao mesmo tempo reforçamos a negação de toda educação para a cidadania.

Enquanto nossas cidades não forem territórios de convívio, de experimentação da cidadania, de cultivo de nossa história; enquanto nossa cidade for um território de medo e desconfiança, os esforços da Educação (pública e privada) jamais conseguirão

proporcionar as transformações sociais que necessitamos.

Poder-se-ia dizer, a essa altura, que a educação formal fazendo sua parte gradativamente atingiríamos um patamar adequado e que, por conseguinte, nosso futuro será brilhante. Mas isso entra em franca oposição não somente com o fato de estarmos longe de uma educação de qualidade, como também pelo valor dado à educação e à cultura na sociedade. Ademais, se esses valores – educação e cultura – não fazem parte de nossa inspiração cotidiana, caímos novamente no mesmo impasse, ou seja, no fato de que a consolidação dos ensinados na escola acaba não acontecendo, ou ocorrendo apenas de forma precária.

Educar as crianças é a mais nobre tarefa existencial da humanidade, e os equívocos que cometermos agora repercutirão por muitas e muitas gerações. Face a uma tal encruzilhada, cabe perguntarmos qual a responsabilidade de cada um nesse processo de formação para a cidadania. Não apenas apostarmos nos gestores públicos, nas leis, na polícia, mas sim interrogarmos como cada um de nós está agindo: se no sentido de dificultar ainda mais o desenvolvimento de nossa sociedade, ou, pelo contrário, no sentido de ampliar a qualidade da vida em comum.